

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS

ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ORIENTADOR: Túlio Campos

ALUNA: Isabella Cardoso Rodrigues Carlos Machado

## A Relação entre o Brincar e o Letramento na Educação Infantil

Belo Horizonte, abril de 2016

# A Relação entre o Brincar e o Letramento na Educação Infantil

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Docência na Educação Infantil, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Túlio Campos

Belo Horizonte, abril de 2016

“Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo.  
Se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda  
é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar,  
com exercícios estéreis, sem valor para a formação do  
homem.”

(Carlos Drummond de Andrade)

## **Introdução**

A escolha desta temática, “a relação entre o brincar e o letramento na educação infantil”, surge no momento em que me encontro com alguns questionamentos acerca da minha prática docente como professora da Educação Infantil. Ao ingressar no Curso de Especialização em Educação Infantil – Docei - busco refletir acerca das questões que envolvem um tempo cada vez mais restrito para “o brincar” em detrimento do aumento das expectativas de aprendizagem das crianças no que diz respeito à leitura e à escrita. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010, p. 27) orientam articular “as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural”. Pensando um pouco sobre as leis relacionadas a educação, sabemos que a Constituição Brasileira, de 1988, prevê o direito universal à Educação em seu artigo 208. O Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990, garante o mesmo. Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9394/96) definiu regras a respeito da inclusão escolar, que foram reforçadas pela Política Nacional de Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, publicada em 2007. Todos esses passos foram dados em direção a uma educação a que todos tenham acesso, resultando na abrangência atual.

É importante ressaltar que a Lei 11.114 de 16 de maio de 2005 estabeleceu como obrigação dos pais ou responsáveis a matrícula das crianças a partir dos seis anos de idade no Ensino Fundamental, aprovando a antecipação da escolaridade obrigatória no Brasil, que passa de 8 para 9 anos. A inclusão de crianças de seis anos de idade já estava prevista na Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 – a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e é uma das metas da Educação Fundamental no Plano Nacional de Educação (PNE). Na prática, isso significa que Estados e municípios brasileiros são obrigados a oferecer educação a todas as crianças a partir dos seis anos de idade, ocorrendo à inclusão de um número maior de crianças no sistema educacional brasileiro, especialmente aquelas pertencentes aos setores

populares, uma vez que as crianças de seis anos de idade das classes média e alta já se encontram, majoritariamente, incorporadas ao sistema de ensino – na pré-escola ou na primeira série do ensino fundamental. Pensando um pouco sobre a importância da educação infantil, ressaltamos também a lei 12.796/2013, de 20 de dezembro de 1996 que vigora desde 04 de abril de 2013 com a educação básica obrigatória e gratuita partir dos quatro aos dezessete anos de idade, sendo dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças na educação básica a partir dos quatro anos de idade.

De acordo com a LDB, a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os cinco anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

O sistema de educação infantil em Belo Horizonte pela Prefeitura atende crianças de zero a seis anos de idade nas UMEIs e tem intensificado a cada ano sua abrangência, buscando promover a inclusão, garantindo o acesso, a permanência e o direito ao conhecimento.

É fato que, desde muito novas, as crianças têm acesso à linguagem escrita em seu dia a dia, e aos 4 e 5 anos, estão em plena fase de investigação desse objeto da cultura. A alfabetização na perspectiva construtivista é concebida como um processo de construção conceitual, contínuo, iniciado muito antes da criança ir para a escola, desenvolvendo-se simultaneamente dentro e fora da sala de aula, alfabetizar é construir conhecimento.

“Portanto, para ensinar a ler e escrever faz-se necessário compreender que as crianças terão de lidar com dois processos paralelos: as características do sistema de escrita e o uso funcional da linguagem.”

(Teberosky, 2002).

De acordo com Goulart (2003, p. 58):

“(…) as professoras reproduzem modelos das escolas tradicionais, especialmente no que diz respeito às séries iniciais. Assim, escolarizar se resume a ensinar as primeiras letras e números, “fazer continhas”, treinar a coordenação motora e o esquema corporal.”

Neste sentido, considerando minha atuação no cotidiano escolar da educação infantil e suas demandas relacionadas aos conteúdos a serem trabalhados, ao tempo cada menor destinado ao brincar, a concepção do brincar e sua relevância, levanto algumas perguntas que nortearam as reflexões deste trabalho, tais como: Como os professores lidam com a relação entre o brincar e o letramento? Quais suas indagações? Há uma cobrança da família em relação à alfabetização? Há de fato a falta do tempo para o brincar? A organização cotidiana das crianças na Educação Infantil faz com que haja pouco diálogo entre o brincar e o letramento? Há dúvidas na compreensão de conceitos brincar – letramento por parte das professoras? Existem interpretações diferentes entre os conceitos por parte das professoras das instituições particulares e públicas?

Assim estes questionamentos me mobilizam a refletir mais acerca da temática do brincar e sua relação com o letramento e como tal relação tem sido compreendida pelas professoras numa instituição de educação infantil pública e outra privada.

Neste momento trago um pouco das minhas experiências de infância onde percebo a relação do brincar com o letramento em minha formação como sujeito, pois de acordo com Pereira, “as brincadeiras são uma linguagem que perpassa toda a nossa experiência de vida.” (2009, p. 23)

Recordo-me da minha infância com alegria, sempre fui uma criança tranquila. Desde o meu nascimento morei em apartamento, creio que tal fato contribuiu para que minhas brincadeiras fossem mais sossegadas, como escolinha, casinha, papel de carta, LEGO e historinhas. Mas nos finais de semana as casas das avós se tratavam de grande alegria, com pomar, horta, quintal, bolinha de sabão com canudinho de mamona, pitangas, amoras, mangas, abacates, caquis e uvas, tiradas diretamente das árvores e brincadeiras regadas com comidinhas de verdade. Meu grande divertimento também se relacionava com os passeios em família, em locais como clube, teatros, parques, circos e passeios de bicicleta. Destaco o meu interesse pela escrita e leitura presentes em minha infância, pois não apenas o brincar se relacionava com o prazer, mas também minhas ações escolares. Minha brincadeira preferida era sem dúvida escolinha, o primeiro livro que mais me chamou atenção foi “Lúcia já vou indo”. Não posso deixar de ressaltar como a escrita e

a leitura estavam entrelaçados com meu mundo do brincar, uma vez que, revistinhas, livros, papéis de carta, álbuns de figurinha e diários se faziam presentes em meu cotidiano, tornando minha infância mais colorida e divertida. A descoberta de novas palavras e significados me deixavam deslumbrada e a possibilidade de novos conhecimentos era o que movia meu interesse e satisfação com o novo trazido através das letras. Assim vivenciei o brincar como uma possibilidade de apreender o mundo, adquirindo, construindo e produzindo meus novos saberes.

Entendo o brincar não apenas por um divertimento espontâneo da criança, mas como uma linguagem responsável por sua apropriação do mundo, ou seja, como expressão da cultura das crianças, estando presente nas vivências lúdicas experimentadas pelas crianças como protagonistas na formação, construção e apropriação de novos conhecimentos (Carvalho, Debortoli, Guimarães e Salles, 2009).

Nesse sentido, compreendo assim como Pereira (2009, p. 26) que “a criança é aquela que está em busca do aprender e que tem no brincar não uma ferramenta, mas uma maneira de expressar”. O autor citado fundamenta-se na perspectiva de Johan Huizinga, filósofo da história que se preocupou em discutir a dimensão lúdica presente nas origens das práticas culturais. Para Huizinga (2010) o caráter lúdico contido nas brincadeiras exprime a dimensão cultural que caracteriza os seres humanos.

Diante desses apontamentos iniciais, este trabalho tem como objetivo buscar compreender a relação entre o brincar e o letramento na visão das professoras de duas instituições de educação infantil. Tem como objetivos específicos: a) identificar a relação entre o brincar e o letramento na perspectiva das professoras; b) analisar a perspectiva das professoras sobre a importância do brincar e sua relação com o letramento no cotidiano da educação infantil; e c) analisar se há diferenças entre as professoras das instituições pública e privada na compreensão da relação entre o brincar e o letramento.

O presente estudo utilizou como metodologia a revisão bibliográfica com temas que abordam o brincar, o letramento e a educação infantil. Com o intuito de identificar e analisar as perspectivas das professoras acerca da importância do brincar e sua relação com o letramento optou-se pelo questionário semi-

estruturado com a perspectiva de identificar dados relevantes para minha análise.

Na entrevista/questionário semi-estruturado o investigador possui uma lista de questões a serem respondidas como se fosse um guia, havendo uma relativa flexibilidade. Nesse sentido, Segundo Tomar (2007), a entrevista/questionário semi-estruturado possui vantagens como:

“possibilidade de acesso a informação além do que se listou, esclarecer aspectos da entrevista, gera de pontos de vista, orientações e hipóteses para o aprofundamento da investigação e define novas estratégias e outros instrumentos.”

Tenho expectativas que este estudo possa dialogar com a prática educacional e os procedimentos que devem ser adotados para um bom desenvolvimento das crianças, considerando-as como protagonistas de sua história.



## Capítulo 1 – Letramento e o brincar

Como educadora, percebo que uma das mais importantes maneiras que a criança tem de se relacionar com o mundo, para assim, aprendê-lo e compreendê-lo, é o brincar. O crescimento/desenvolvimento da criança tem como resultado a construção de novas descobertas e através da minha atuação como professora da educação infantil busquei analisar a questão do brincar relacionado como o mundo letrado que a acerca. Assim, tendo o brincar como eixo de pesquisa gostaria de constatar seu papel no processo do letramento, o quanto isto pode ser um enriquecedor no processo.

Entendemos o brincar como uma forma significativa de ação, expressão, interação, descoberta, criação e recriação de regras, reprodução e produção de cultura, uma vez que “brincar vincula e cria laços, mesmo que temporários.” (Pereira, 2009, p. 18)

De acordo com Friedmann (2012, p. 19), “ o brincar diz respeito à ação lúdica, seja brincadeira ou jogo, com ou sem o uso de brinquedos ou outros materiais e objetos. Brinca-se também usando o corpo, a música, as palavras, etc”.

Tais colocações nos faz refletir que o brincar acontece a partir de diferentes linguagens, através de um processo de interação com o mundo adulto, as crianças constroem diferentes linguagens, que dão acesso a diversos significados para que possam explorar, conhecer e apropriar o mundo. Para ilustrar estas reflexões, destaco a obra de arte “Jogos e Brincadeiras” de Pieter Bruegel (1560), que nos mostra as diversas interações/explorações das crianças com o mundo que as cerca através dos jogos, brincadeiras e relação com o outro.



**Figura 1 – Obra de arte Jogos e Brincadeiras de Pieter Bruegel (1560)**

Conforme Wajskop, na Antiguidade, as crianças, participavam com os adultos, das mesmas festas, dos mesmos ritos e mesmas brincadeiras, “os humanistas do Renascimento perceberam as possibilidades educativas dos jogos e passaram a utilizá-los” (Wajskop,1994, p. 63). Assim a brincadeira como uma prática do sujeito ganhou um valor em si, sendo concebida como a maneira de estar no mundo.

Do ponto de vista do desenvolvimento da criança, a brincadeira traz vantagens sociais, cognitivas e afetivas. A criança constrói gradualmente a capacidade de transformar uma coisa em outra na esfera do imaginário. Nesse sentido, de acordo com Vygotsky (Currículo da Educação Infantil de Contagem, p. 19), “por meio do brincar a criança tem a oportunidade de se comportar como se fosse maior do que é na realidade e, assim, recriar situações do cotidiano, verificar hipóteses e buscar compreender o mundo no nível simbólico”.

Numa perspectiva bem interessante e diferente de Wajskop trago para este trabalho as considerações de Gouvêa (2011), pois a autora concebe o brincar como uma maneira das crianças questionarem sobre o mundo em que se

encontram e o estranha, na busca de sua compreensão e construção de novos conhecimentos. Através da brincadeira a criança é capaz de recriar o mundo em que vive, é capaz de significá-lo, ocorrendo uma construção de experiências que vão muito além da pura e simples imitação. “Assim é que o brincar transcende o real, elabora as múltiplas possibilidades de construção.” (Gouvêa, 2011, p. 20)

Em relação ao letramento, Kishimoto (2013, p. 26) nos mostra que, “a compreensão de que a aprendizagem do letramento é processo interno, que depende da decisão, da vontade e do interesse de cada criança”, tem gerado perspectivas que valorizam sua escuta como ponto de partida da educação.

Tal citação me faz pensar que o tempo restrito nas escolas para o brincar tem se consolidado muitas vezes devido aos objetivos e competências a serem contemplados no decorrer do ano e muitas vezes pela rotina escolar engessada, além da dificuldade dos professores em associar não só novas descobertas, mas também a construção de novos conhecimentos no ato do brincar, uma vez que “brinca-se com um determinado sentido, e somente quem está brincando é que sabe realmente sobre essa intencionalidade.” (Pereira, 2009, p. 21)

Para Wajskop (1994, p. 64), “a maioria das escolas tem didatizado a atividade lúdica das crianças, restringindo-as a exercícios repetidos de discriminação visomotora e auditiva, mediante o uso de brinquedos, desenhos coloridos, etc”. Esta situação não permite a autonomia das crianças em suas escolhas, bloqueando sua organização independente para a brincadeira, enfatizando-as, como se sua ação simbólica servisse apenas para exercitar e facilitar (para o professor) a transmissão de determinada visão do mundo, definida *a priori* pela escola.

Refletindo sobre minha experiência como professora na educação infantil percebo claramente como as exigências de atividades e conteúdos a serem dados muitas vezes extrapolam a questão do considerar a criança como um ser capaz de produzir seus próprios conhecimentos e relacionamentos. Infelizmente a dinâmica do dia a dia vinculada aos conteúdos atropela o olhar criterioso do professor para seu aluno em relação à autoria de suas próprias descobertas. Esta pesquisa nos faz refletir sobre o papel do brincar e sua relação com a aprendizagem no cotidiano da educação infantil. Seria um

brincar por brincar ou um brincar para aprender? Segundo Pereira (2009, p. 26):

A criança é aquela que está em busca do aprender e que tem no brincar não uma ferramenta, mas uma maneira de expressar. (...) A partir do momento em que uso o brincar como simples ferramenta de ensino, eu privo a criança do exercício de reelaborar uma dada realidade e dar novos significados às coisas em sua volta, Porém, se entendo o brincar como uma possibilidade de expressão, reconhecendo-o como cultura, como forma do ser humano de tornar-se presente no mundo com sua peculiaridade de indivíduo e de integrante de um grupo social, há uma chance de o brincar se instalar como uma das ações de formação de identidade da criança e, aí sim, exercer um papel importante na aprendizagem.

Segundo Wajskop (1994), pesquisadores da Escola Russa no início deste século criaram uma concepção do brincar, “O brincar, numa perspectiva sociocultural, define-se por uma maneira que as crianças tem para interpretar e assimilar o mundo, os objetos, a cultura, as relações e os afetos das pessoas.” (Wajskop, 1994, p. 66)

Atualmente percebemos que as crianças por muitas vezes brincam relacionando sua realidade com a imaginação, quando por exemplo recriam situações de seu cotidiano: a mãe indo trabalhar, a professora ensinando algo ou um motorista dirigindo um ônibus. Pereira destaca tal situação colocando que “a ficção ou imaginação é o tempero do brincar.” (2009, p. 21) e Gouvêa (2011, p. 556) diz que “a imitação não é a cópia da ação do adulto, mas sua apropriação, mediada pela imaginação”. Percebemos então através desses atos que as crianças aprendem, se desenvolvem, apropriam do mundo que as cerca.

De acordo com Debortoli (2009), o brincar é enfatizado como a linguagem prioritária das crianças, como sua especificidade de participação na cultura como princípio de organização do cotidiano das relações e dos conhecimentos. Contudo, o autor também ressalta a existência do brincar como velhos “jargões há muito estabelecidos” na comunidade escolar, tais como: a brincadeira pedagógica, relacionadas ao processo de aprendizagem, na maioria das vezes articuladas a uma ideia de alfabetização e de aprendizagens matemáticas; a recreação, quando a brincadeira apenas preenche um espaço, marca uma passagem para outra atividade ou lugar, preparando para o próximo momento;

a brincadeira livre, momentos em que as crianças brincam sem a interferência das professoras, podendo escolher e construir suas próprias brincadeiras e a brincadeira dirigida, momento de “ensinar” a brincadeira, mas não, necessariamente de brincar, acontecendo assim situações em que não há a possibilidade de proporcionar às crianças a produção de experiências e de conhecimentos.

Creio que, através da observação do brincar é possível compreender o que a criança traz de suas vivências e também direcioná-la quanto suas ações, resultando assim na ampliação de novas possibilidades de compreender o mundo, conseqüentemente na produção de seus próprios conhecimentos. Nesse sentido, a Resolução do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica (2009, p. 1) sugere que:

(...) a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Segundo Kishimoto (1992), Dewey concebia a brincadeira como uma ação livre e espontânea. Percebemos que o brincar está ligado à singularidade de cada criança, sendo algo criado a partir de suas escolhas, desejos e vontades, algo próprio.

Até o momento vimos que o brincar relaciona-se a ação lúdica na qual a criança perpassa sua experiência de vida e produz novas experiências, situações e conhecimentos. Nesta perspectiva, pensamos: Como o brincar e o letramento podem andar juntos?, “Brincar letrando ou letrar brincando?”. Segundo Soares (1999):

“letramento é o estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e de escrita, com diferentes gêneros e tipos de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham na nossa vida. Enfim: letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e de escrita”.

A meu ver o letramento refere-se à leitura de mundo e através das brincadeiras as crianças são capazes de lerem mundo, entendê-lo, questioná-lo e aceitá-lo

desde a mais tenra idade. Sendo assim percebo que tanto a brincadeira como o letramento são partes integrantes da infância e que ambas podem e devem se relacionar. As crianças querem explorar tudo que encontra disponível e entendo que aprendem a partir das múltiplas interações que estabelecem com o meio sociocultural, através de sua relação com outras crianças, adultos e instrumentos culturais, como livros, brinquedos, entre outros. Sabemos que as interações ocorridas nas escolas entre as professoras e as crianças possuem uma orientação intencional e explícita, no sentido de proporcionar o aprendizado de conhecimentos sistematizados, sendo importantes e necessários para o desenvolvimento infantil.

Esta pesquisa ressalta também o papel da criança em sua formação social como o protagonista principal, onde suas brincadeiras e experiências devem ser consideradas como seus conhecimentos. Uma vez que, para Goulart (2003, p. 70):

“Há todo um conhecimento por trás de cada brincadeira e cada pergunta feita pela criança. A professora tem o papel de desvendá-lo, possibilitando, ao grupo de crianças, vivências que explorem todas as dimensões de que são capazes.”

A discussão sobre alfabetização e letramento se faz muito presente nos estudos referentes aos processos de ensino e aprendizagem das crianças nesta etapa da Educação Básica, uma vez que as crianças estão iniciando o processo de escolarização e sua entrada no mundo da leitura e da escrita.

Segundo Magda Soares (2002):

“a entrada da criança no mundo da escrita ocorre simultaneamente por dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita - a *alfabetização* - e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita - o *letramento*.”

O artigo, “O letramento e o brincar em processos de socialização na educação infantil” enfatiza que o letramento é mais que a habilidade de ler e escrever (Castanheira; Green; Dixon, 2007; Heath, 1983; Soares, 1999; Street, 1984).

Nesse sentido, deve ser compreendido como prática social que envolve os sujeitos nos diversos usos dos símbolos gráficos, desenhos e palavras escritas (Kress, 1997) em seu relacionamento com o outro e com si próprio. Também evidencia uma discussão acerca da alfabetização e do letramento que acontece de maneira dicotômica, como bem observa Campos (2009, p. 13):

“No campo da Educação Infantil, podemos observar duas posições extremas. De um lado, muitas pré-escolas forçam uma alfabetização a crianças muito novas, sem respeitar os ritmos individuais e as características da faixa etária. De outro lado, prospera uma visão romantizada do desenvolvimento infantil, que rejeita qualquer programação que inclua material escrito, entendida como escolarização precoce, privando as crianças mais pobres daquelas experiências de que não dispõem em seus ambientes familiares.”

Tal situação nos faz pensar sobre as diferenças das instituições de Educação Infantil, sejam públicas ou privadas. Atuo em instituições nas duas vertentes e percebo que, enquanto, no caso na instituição particular, o letramento e a apropriação da linguagem escrita são resultados esperados no final do ano letivo da educação infantil (idade 4 a 5 anos), na instituição pública tal resultado é considerado responsabilidade do ensino fundamental. De acordo com Neves, Castanheira e, Gouvêa (2015, p. 217):

“(…) um dos principais pontos de discussão centra-se nas relações entre o brincar – considerado um dos eixos centrais no trabalho com a criança pequena – e a construção do conhecimento na educação infantil, particularmente no tocante ao letramento e à apropriação da linguagem escrita, considerada responsabilidade do ensino fundamental”.

Kramer (2010) denuncia a escassez de trabalhos que examinem o lugar da leitura e da escrita na educação infantil. Tal escassez reafirma certas convicções acerca das finalidades desse nível de ensino e de suas diferenças em relação às práticas pedagógicas no ensino fundamental. Tal situação me desencadeou algumas indagações, resultando na discussão do presente estudo sobre a relação do brincar com o letramento. Neste trabalho compreendo que o letramento vai além do ler e escrever, ou seja, “prática social que envolve os sujeitos nos diversos usos dos símbolos gráficos, desenhos e palavras escritas” em seu relacionamento com o outro e com si

próprio e “o brincar como forma privilegiada de expressão e participação das crianças na cultura” (Neves, Castanheira, Gouvêa, 2015, p. 217). Além da percepção da professora por vezes como mediadora entre as crianças e aquilo que se quer aprender (Carvalho, Salles e Guimarães, 2006, p. 54) e não apenas como aquela que dita àquilo que se deve ser aprendido.

De acordo com a discussão abordada no artigo “O letramento e o brincar em processos de socialização na educação infantil”, Castanheira (2015), percebemos uma ligação entre o brincar e o letramento, pois ao aproximarmos as atividades de brincadeira, leitura e escrita, tomamos como referência o significado dessas ações para a criança, de forma a superar sua aparente dicotomia e possibilitar a condução dos trabalhos na educação infantil que tornem possível o brincar letrando e alfabetizando. A distinção entre tais termos, “definindo o brincar como característico da criança pequena, a ser desenvolvido na educação infantil, contraposto ao alfabetizar, entendido como trabalho sistemático de apropriação da língua escrita”, não se expressa na ação da criança. (Neves, Castanheira, Gouvêa, 2015, p. 240)

Como professora atuante nas faixas etárias de 04 e 06 anos vejo que através das brincadeiras as crianças demonstram prazer, curiosidade e grande interesse pela língua escrita, uma vez que suas brincadeiras por muitas vezes estão relacionadas aos livros, contação de histórias ou ao registro a sua maneira de novas histórias. A criança, ao mesmo tempo em que empresta um sentido lúdico às práticas de letramento que se fazem presentes na educação infantil, demanda um trabalho mais sistemático com a língua escrita, investindo-a de uma dimensão lúdica.

Para Baptista (2010), o trabalho com a linguagem escrita na educação infantil deve afirmar o direito da criança pequena de produzir cultura e de expandir seu conhecimento sobre o mundo, o que pressupõe situações nas quais as crianças possam realizar atividades significativas no interior da cultura letrada. Assim a autora afirma que:

“(…) as práticas educativas devem assegurar às crianças o direito a uma educação que reconheça a infância como uma construção da qual ela participa como ator social.”  
(p. 27)



Desta forma, fica explícito que, como profissionais da educação devemos não apenas respeitar, mas também reconhecer que a criança é o “ator social” de seus atos e atividades, buscando ressignificar seus conhecimentos. Para Carvalho, Salles e Guimarães (2006) “as crianças querem explorar tudo que se encontra disponível: a água, a terra, a areia, o pátio, o parque, os brinquedos. Ali, começam a se conhecer e a conhecer o outro, e nesse vai-e-vem e meio a choros e risadas, perguntam-se sobre os mistérios da vida”. Então percebemos que, a criança a partir de suas relações com o outro e com o ambiente apropria-se das significações socialmente construídas compreendendo seu papel na sociedade em que está inserido e sua realidade.

## Capítulo 2 - Relações do brincar e do letramento na perspectiva das professoras (Pública x Privada)

Refletindo sobre as colocações deste presente estudo, entendemos que “A criança produz cultura, tem conhecimentos, tem competências. No brincar e nas brincadeiras a criança participa da construção do mundo. Progressivamente vai experimentando o mundo.” (Debortoli, 2003, p. 81) Assim percebemos o sujeito como um ser participante, criador de suas histórias, experiências e conhecimentos. De acordo com Magda Soares (2002), o surgimento de tais descobertas relaciona-se com o desenvolvimento de habilidades do uso da leitura e da escrita nas práticas sociais em que as crianças estão inseridas.

Considerando tais colocações, despertei minha curiosidade em buscar compreender como as professoras das instituições que eu trabalho percebem a relação do brincar com o letramento. Para tal, utilizamos neste estudo um questionário que foi enviado para 6 professoras de duas instituições de Educação Infantil, sendo 3 particulares e 3 públicas, porém uma professora da instituição particular não retornou o questionário<sup>1</sup>. A escolha de profissionais atuantes nas duas vertentes (pública e privada) se deu ao fato de minha atuação em ambas as instituições e ao desejo de conhecer as opiniões das professoras.

O questionário trazia como pergunta inicial a seguinte questão: “*O que você entende como letramento?*” Percebemos que, quanto ao entendimento sobre o que seria o letramento todas as profissionais registraram colocações que se encontram no aspecto de entendê-lo como uma prática social além do ler e escrever apenas: *PPar1*<sup>2</sup> “... a leitura de mundo que vai além do texto isolado, colocando-o dentro de um contexto real mais amplo.”, *PPúb 1* “... práticas que devem estar presentes no cotidiano da criança. Ou o que realmente faça

---

<sup>1</sup> O questionário foi enviado para as professoras via e-mail juntamente com o termo de consentimento.

<sup>2</sup> Prezados leitores, a partir desse momento utilizo os termos *PPar1*: Professora de instituição Particular ; *PPar2*: Professora de instituição Particular 2. *PPúb1*: Professora de instituição Pública 1 ; *PPúb2*: Professora de instituição Pública 2; *PPúb3*: Professora de instituição Pública 3 para identificar as professoras que participaram desta pesquisa.

sentido para ela. É mais do que aprender a ler e escrever.”, *PPúb 2* “Letramento é a aquisição das práticas sociais da leitura e da escrita”, *PPúb 3* “um processo que acontece de forma natural, a partir de um contexto social” e *PPar 2* “... inserção na cultura letrada, que responde adequadamente as demandas sociais ao qual está inserido”. A maioria das colocações nos remetem as afirmações das autoras Neves, Castanheira e Gouvêa (20015, p. 217) onde o letramento é considerado uma prática social que envolve o uso de diversos símbolos gráficos, desenhos e palavras escritas, ou seja, tudo aquilo que possui significado para as crianças em suas produções. Todavia, chama a atenção a *PPúb 3*, uma vez que naturaliza a forma de aprender, como se o contexto por si só desse conta da complexidade da realidade que cerca a criança. Para Goulart (2003) a professora tem um papel central na relação da criança com a construção de seus conhecimentos. “É ela quem vai fazer a mediação entre o grupo de crianças e aquilo que se quer aprender” (2003, p. 59).

Na questão levantada sobre o brincar no cotidiano da escola, “*Como o brincar é trabalhado no cotidiano da sua prática com as crianças?*”, houve uma coerência por parte de quatro profissionais em utilizar este momento como forma de ensinar algo, exemplificando as brincadeiras como forma de trabalharem regras, conteúdos ou “algum aprendizado programado” (*PPar1*). Citou-se a brincadeira como a busca por “desenvolver o raciocínio lógico, a oralidade, o trabalho em equipe, a consciência fonológica, o reconhecimento de letras, entre outros” (*PPúb1*), exemplificado como “jogos matemáticos, brincadeiras com o nome das crianças, quebra cabeça com letras, etc” (*PPúb3*), “o brincar é trabalhado intencionalmente tornando a aprendizagem mais significativa” (*PPúb2*), “o brincar já faz parte da criança, é o meio propício da aprendizagem” (*PPart2*). Na grande maioria o uso de jogos como, boliche, bingo de letras, dia do faz de conta, quebra cabeça com letras, jogo de varetas, entre outros foram citados como uma forma de brincar não veiculada ao prazer vivenciado pela criança, mas sim como forma de apropriação de algum conhecimento.

As respostas enviadas nos remetem a que Debortoli faz do brincar na Educação Infantil a partir de duas vertentes, uma como “uma garantia do direito

de ser criança, atrelada a idéias de cidadania e autonomia” e por outro lado outro que “não possibilita o enriquecimento das relações e das organizações cotidianas nas escolas” (2009, p. 67). Nesse sentido o autor reflete acerca da presença do brincar e da brincadeira como velhos “jargões” já estabelecidos, como as brincadeiras pedagógicas, que estão relacionadas “àquilo que as professoras consideram como aprendizagens escolares e, na maioria das vezes, são articuladas a uma ideia de alfabetização e de aprendizagens matemáticas”. Percebemos como as brincadeiras relacionadas ao simples fato de ensinar algo ainda está em destaque sobre o brincar como uma situação imaginativa, voluntária e prazerosa de cada criança. Apenas uma professora, de instituição particular, citou que “Acho importante tomar o cuidado para não tirar o momento de brincar por brincar, com o mínimo de interferência do adulto” (PPar1). Debortoli ressalta que devemos ter o cuidado em simplesmente deixarmos de participar das brincadeiras, pois, não raro, “acontecem também muitas tensões em que as crianças ficam esperando a mediação das professoras” (2009, p. 70) e que o conceito de “liberdade não significa livrar-se uns dos outros” (2009, p. 71). Destaco o entendimento do brincar como possibilidade de se relacionar, apropriar, ressignificar e produzir cultura.

Quanto à questão, “*Como você compreende a relação entre o brincar e o letramento?*”, percebemos que houve um mesmo entendimento por parte das professoras, onde o brincar foi citado como um instrumento para propiciar o letramento, mostrando também que “a criança desenvolve relacionando-se” (Carvalho e Guimarães, 2003, p. 45). Tais colocações como “O brincar é uma forma e um meio de aprender e inserir-se na sociedade, descobrindo a si mesmo pela leitura e pela escrita.” (PPar2), “como a criança se apropria da realidade por meio de brincadeiras cada vez mais elaboradas, isso pode e deve ser explorado no processo de letramento” (PPar1), “o letramento deve acontecer através das práticas sociais reais da leitura e da escrita e nada melhor que as brincadeiras para concretizar esse pensamento.” (PPúb1), “utilizando instrumentos sociais de comunicação nas brincadeiras estaremos letrando a partir do brincar” (PPúb3) e “a relação entre o brincar e o letramento está em como conduzimos as práticas da leitura e da escrita” (PPúb2).

Tais opiniões nos mostram a necessidade de refletirmos sobre nossos papéis como educadores nas escolas, uma vez que percebemos um tempo cada vez mais restrito para “o brincar” em detrimento do aumento das expectativas de aprendizagem das crianças no que diz respeito à leitura e à escrita. Brincar este como “tempo singular de descobertas, de invenção, de conhecimentos, de vivências de infinitas formas humanas de expressão e de linguagem.” (Debortoli, 2009, p. 107) e como “uma espécie de modificação da realidade, instaurando uma outra forma de realidade, pois transforma-a de acordo com a imaginação de quem brinca” (Pereira, 2009, p. 146).

Após a análise e comparação dos dados do presente estudo reafirmo o pensamento de Pereira, “A partir do momento em que uso o brincar como simples ferramenta de ensino, eu privo a criança do exercício de reelaborar uma dada realidade e dar novos significados as coisas em sua volta.” (2009, p. 26), além de nos remeter ao fato de que “não existe a infância no singular, mas diferentes vivências do ser criança, no interior da nossa cultura” (Gouvêa, 2003, p. 16).

Através da análise dos dados percebo que, mesmo havendo diferenças nas atuações das instituições públicas e privadas em nossa sociedade, as professoras de ambas as instituições na grande maioria concordam em relação aos conceitos e atuações com o brincar e letramento. Tal observação deixou-me surpresa, com o questionamento de: Por que há diferenças entre tais instituições? O exercício de tal reflexão me mostra como é válido nos questionarmos sobre nossa atuação e de nossos colegas, além do sistema apresentado a sociedade pela comunidade escolar.

Goulart (2003, p. 53), ressalta que “é participando, ativamente, de uma comunidade educativa, que a criança tem a oportunidade de estabelecer inúmeras trocas com as outras crianças, com adultos e com instrumentos culturais.” Desta forma percebemos a importância da criança como “ator social, e não sujeito abstrato” na construção de sua história e conseqüentemente de seus conhecimentos. “Não existe uma criança universal, mas crianças com existências plurais.”

## **Considerações Finais**

O presente estudo buscou a compreensão, reflexão e discussão sobre a relação de elementos essenciais a Educação Infantil, tais como o brincar e o letramento. Apresentou a discussão entre vários autores com esta temática, “a relação do brincar com o letramento”, ressaltando o papel do brincar no processo de aprendizagem das crianças e a importância dos professores em valorizá-lo e até mesmo em propiciar a seus alunos momentos de formação mais significativos e na produção de novos conhecimentos.

Como professora atuante na educação infantil, as discussões desse trabalho fez com que eu pensasse não apenas em minhas práticas em sala de aula, mas também das instituições em que atuo.

Compreender que a razão e a emoção estão presentes de forma indissociável no ato de aprender nos leva a construir estratégias de trabalho pedagógico que levem em conta as linguagens expressivas, que dialogam com a afetividade, com a emoção e as linguagens simbólicas que permitem à criança desvendar o mundo a sua volta, promovendo um verdadeiro encontro entre os professores e as crianças de zero a seis anos.

Nós, seres humanos, construímos o mundo, muitas vezes como quem “brinca” com a realidade: também elaboramos o mundo através da fantasia, da imaginação, das experiências lúdicas. (Carvalho, Salles e Guimarães, 2006, p. 75)

Assim entendemos que, através das brincadeiras as crianças não apenas produzem a leitura de mundo, mas também a reconstruem e também a reelaboram de acordo com suas vivências e experiências, sendo protagonistas na construção de sua história, em sua formação social. Portanto a brincadeira é fundamental para a produção de novos conhecimentos por parte das crianças, havendo uma relação com o seu desenvolvimento a apropriação de novos conhecimentos.

## Referência Bibliográfica

AZEVEDO, Lauriana Mateus Alvares. *O Brincar e a Arte: Conhecendo e brincando com jogos infantis em Pieter Bruegel*. Minas Gerais:DOCEI/UFMG, 2015.

BAPTISTA, Mônica Correia. *A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância*. Minas Gerais: CEALE, 2010.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu*. São Paulo: Editora Scipione, 1999.

CAMPOS, Túlio; FREITAS, Amanda Fonseca Soares. *Educação física nos primeiros anos escolares*. Presença Pedagógica, Belo Horizonte -MG, , v. 17, p. 12 - 19, 01 nov. 2011.

*Currículo da Educação Infantil de Contagem. Experiências, Saberes e Conhecimentos*. Vol.2: A criança, o brincar e as brincadeiras. Contagem: 2012

CARVALHO, Alysson. DEBORTOLI, José Alfredo. GUIMARÃES, Marília. SALLES, Fátima. *Brincar(es)*. Minas Gerais: Editora UFMG, 2005.

CARVALHO, Alysson. GUIMARÃES, Marília. SALLES, Fátima. *Desenvolvimento e Aprendizagem*. Minas Gerais: Editora UFMG, 2003.

CASTANHEIRA, Maria Lúcia. NEVES, Vanessa Ferraz Almeida. GOUVÊA, Maria Cristina Soares. *O letramento e o brincar em processos de socialização na educação infantil*. Revista Brasileira de Educação, v. 20, n. 60 jan.-mar. 2015.

CRAIDY, Carmem. KAERCHER, Gládis E. *Educação Infantil: Pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001.

FARIA, Vitória. SALLES, Fátima. *Currículo na Educação Infantil: diálogo com os demais elementos da Proposta Pedagógica*. 2.ed., São Paulo: Ática, 2012.

FRIEDMAN, Adriana. *O brincar na Educação Infantil: observação, adequação e inclusão*. São Paulo: Moderna, 2012.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares. *Infantia: entre a anterioridade e a alteridade*. Minas Gerais: Belo Horizonte, 2011.

KISHIMOTO, Tizuco Morchida. FORMOSINHO, Júlia Oliveira. *Em busca da Pedagogia da Infância: Pertencer e Participar*. Porto Alegre: Penso, 2013.

SOARES, Magda Becker. *Letramento, um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TOMAR, Martins. *A entrevista semi-estruturada*. Mestrado em Supervisão Pedagógica. Edição 2007/2009 da Universidade Aberta.

WAJSKOP, Gisela. *O brincar na Educação Infantil*. Caderno de Pesquisa, n. 92, p. 62 – 69. São Paulo: 1995.



## MODELO DO QUESTIONÁRIO

Pesquisa Semi-Estruturada

Tema da pesquisa: Compreender a presença do brincar e sua relação com o letramento numa Escola de Educação Infantil

1 – O que você entende como letramento?

2 – Como o brincar é trabalhado no cotidiano da sua prática com as crianças?

Dê exemplos (como as brincadeiras são trabalhadas).

3 – Como você compreende a relação entre o Brincar e o Letramento? (Dê exemplos).

## MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO

Belo Horizonte, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

Prezado/a Professor/a,

A Profa. \_\_\_\_\_ desenvolverá, nesta escola, um projeto relacionado a seu trabalho final de curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação de seu Município.

Este trabalho será orientado por professores da UFMG e seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos sua colaboração em entrevistas e outros dados necessários ao projeto e autorização para uso de seus relatos, imagens e vídeos no referido trabalho.

Atenciosamente,



\_\_\_\_\_  
Ademilson de Souza Soares

Coordenador Geral do Curso

**Nome da criança:**

\_\_\_\_\_  
**De acordo:** assinatura dos pais / responsáveis p/ aluno(a)

---